

DO FENÔMENO MIGRATÓRIO NAS OBRAS: O QUINZE, VIDAS SECAS E MORTE E VIDA SEVERINA

Aline Vieira Fernandes

(Graduanda em Licenciatura em História – UFCG)

alinevieira_f5@hotmail.com

Mayara Benevenuto Duarte

(Graduanda em Licenciatura plena em Letras, Língua Portuguesa-UFCG)

mayaraduartedga@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem como temática principal analisar o fenômeno migratório nos romances clássicos da literatura brasileira: *O Quinze*, de Rachel de Queiroz (1930), *Vidas secas*, de Graciliano Ramos (1938), e *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto (1955), época em que a literatura buscou denunciar as contradições sociais de diversas regiões brasileiras, em especial o Nordeste. Assim, o objetivo dessa pesquisa é refletir sobre a trajetória do migrante nordestino, as opressões sociais, seus sentimentos, sua história, suas motivações e descobertas, dando ênfase ao papel do retirante dentro da literatura, relacionando a ficção com o mundo real, como também as desavenças sociais e os descasos do poder público, para compreender o processo de migração do meio rural para o meio urbano, trazendo o significado do emigrar e suas consequências interligadas às circunstâncias do momento em questão. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica. Para a realização desse estudo, foram utilizados aportes teóricos que favoreceram a produção dessa análise, tendo por base Antônio Cândido (2010), Durval Muniz (2012) e Alfredo Bosi (1992).

Palavras-chave: História; Literatura; Sociedade; Fenômeno migratório.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A década de 90 foi marcada por enfrentamentos mediante à questão da sobrevivência em um período de dificuldades sociais e políticas, que resultaram em constantes imigrações e que deram origem ao fenômeno denominado migratório. A

escassez de recursos, de trabalho e de alimentos, resultantes da seca, impossibilitou a existência e sobrevivência de muitos nordestinos em sua terra de origem, restando a estes, como única saída, se refugiarem em terras alheias em busca do que a sua já não mais supria.

Em (1914-1918) com o início da industrialização no governo de Wenceslau Braz ocorreu à ascensão da burguesia que desfavoreceu a classe do proletariado contribuindo para as relações de poder que proporcionou uma meiose social. Os resultados dessa divisão ocasionaram revoltas populares originadas do sofrimento da população nordestina, dando ênfase aos sertanejos que viviam em um cenário de fome, miséria e desumanização. Mediante a isso, o governo do Ceará implantou medidas consideradas cabíveis em teoria, entre elas os famosos “campos de concentração” que foram criados para acolher os milhares de sertanejos ou “molambentos” por muitos chamados, que vinham das mais diversas regiões em busca de sobrevivência em terras alheias. Porém, na prática explicitou-se um cenário assolador tão enternecedor quanto a própria seca.

Nos romances em análise *O Quinze* de Rachel de Queiroz (1930), *Vidas Secas* de Graciliano Ramos (1938) e *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto (1955) são retratados elementos que denunciam e expõem as condições vividas por nordestinos, vítimas da calamidade que acometeu entre as décadas de 30 à 50. A grande seca trouxe consigo a necessidade de uma imigração forçada que veio acompanhada de fome e morte.

Apesar de *Vidas Secas* ser fruto de uma rememoração do autor mediante ao período vivido no Nordeste, não é considerada de cunho autobiográfico. Nela, Graciliano Ramos ficcionaliza as condições vividas pelo homem pobre e oprimido dos sertões nordestinos. Já a obra *O Quinze* teve uma contribuição expressiva para a temática das secas, sendo considerada a renovação da ficção regionalista. Por meio de seus escritos, Raquel de Queiroz, representou de forma significativa os aspectos sociais da vida do sertanejo em conformidade com o psicológico de cada personagem. Assim, é possível afirmar que, a seca serviu de pano de fundo para a narrativa, sendo o catalisador responsável por modificar o destino dos personagens. Na obra *Morte e vida Severina* João Cabral de Melo Neto dá vida ao personagem “Severino” e por meio dele nos apresenta a dura realidade do sertão brasileiro, em que as secas impelem o nordestino a migrar para

não morrer de fome e de sede. A penúria e a devastação da seca do Nordeste são vividamente retratadas por Severino, o suor do esforço e do trabalho que teima em abrandar os dissabores de uma terra que se esvai, do mesmo modo como se esvaem os muitos Severinos.

2. HISTÓRIA, LITERATURA E SOCIEDADE

Ao homem não cabe a decisão e escolha de onde nascer, nem a que tempo ou classe social pertencerá. O indivíduo já nasce em sociedade e em socialização com outros indivíduos, estes, já possuintes de seus ritos e costumes, que fazem com que se constituam como ser social e histórico, sendo as práticas, regras e línguas definidas partes de sua identidade.

Nas obras em estudo, é possível identificarmos o processo transitório dos personagens e as influências decorrentes do meio que saem, até chegar ao seu destino final ou serem acometidos por alguma fatalidade do destino. A vida em sociedade e as culturas que estão presentes nela, faz com que, nos diferenciamos de outros animais, os processos de perda, de desumanização são facilmente observáveis na história das sociedades. Na obra “Vidas secas” a Família de Fabiano, por exemplo, tem sua identidade modificada no desenrolar da narrativa e desse processo migratório. A situacionalidade vivida por eles faz com que os aproximem de uma animalização. Com isso é possível afirmar que, por meio da historicidade e da cultura do meio em que o sujeito vive é que se dará a sua formação identitária, e esse processo é constante e dinâmico.

Os rumos tomados por esses sujeitos oprimidos pela sociedade capitalista contemporânea, seja a família de Chico Bento, seja a família de Fabiano, seja os Severinos desse Sertão, e os caminhos percorridos por eles, a compreensão das condições socioculturais e histórica desses indivíduos é objeto de estudo de muitos pesquisadores. Neste sentido, Candido (2012) afirma que, a arte é expressão da sociedade e está interessada nos problemas sociais. Portanto, é possível afirmar que, há influência do meio sobre o escrito das obras.

Tendo em vista que, a literatura representa a vida e as transformações da sociedade, Pesavento (2004) afirma que, tanto História quanto Literatura são modos de explicar o presente, inventar o passado, pensar o futuro, e utilizam de estratégias retóricas para colocar em forma de narrativa os fatos sobre os quais se propõem a abordar. Assim, é possível afirmar que, a aproximação entre história e literatura é necessária, contanto que uma não dependa totalmente da outra, mas sem descartar a contribuição de ambas, haja vista as semelhanças entre elas no quesito estrutural, levando em consideração, principalmente o caráter imaginativo e de criatividade que fazem parte da elaboração de narrativas tanto historiográficas quanto literárias. Seguindo outra linha de raciocínio, em relação à construção histórica com características literárias voltadas para o imaginário, Durval Muniz (2007), atesta que a história é a arte de inventar o passado, ou seja, é trabalho do historiador se atentar a um tipo de invenção que não remete a uma mentira, mas sim, a uma tentativa de preenchimento de lacunas existentes nas pequenas parcelas do passado que lhes são oferecidas para se fazer a história como conhecemos hodiernamente. Contrariando tal seguimento em relação às fontes históricas, Pesavento (2006) defende que o historiador descobre os traços do passado que restaram, convertendo-os em fonte e atribuindo-lhes significado – não há uma criação ou invenção de tais traços.

3. O NORDESTE E A RELAÇÃO DA SECA COM O BICHOGENTE

Diante do cenário de uma possível inexistência do Nordeste, segundo Muniz (1999) vê-se que, se faz presente um caráter de desvalorização em relação ao povo nordestino, haja vista o fato de que não eram percebidos pelos demais como parte da sociedade brasileira, a qual era segmentada entre “Norte” e “Sul”, sendo considerado filho da ruína da antiga geografia do país. Em sua obra *Vidas Secas*, Graciliano Ramos relata que, as elites locais não solicitavam verbas ao Governo Federal para a resolução dos problemas ocasionados pela falta de chuvas da gente e do gado que morriam de fome e de sede. O Nordeste era inferior por sua própria natureza, no entanto, as determinadas relações de poder existentes na sociedade cooperavam para a discriminação territorial,

como também os próprios nordestinos se colocavam e ainda se colocam como seres inferiores aos habitantes das demais regiões brasileiras. Sendo assim, o povo sofria calado a opressão, perante tal situação. Segundo Neto (1997), assim como os judeus, os nordestinos são, por natureza, migrantes que, mesmo não tendo vivido os horrores da guerra, vivem o “genocídio da seca”

Segundo Durval Muniz em *Invenção do Nordeste e outras artes* (1999), o Nordeste é uma espacialidade fundada historicamente, originada por uma tradição de pensamento, uma imagística e textos que lhe deram realidade e presença. E por assim ser, criou-se uma imagem irreal, ligado à colonização, à expansão e a oposição dividida em desenvolvimento e atraso. Pela oposição entre sertão x litoral.

Na literatura modernista, o Nordeste, começou a atrair olhares e ser foco de muitas discussões após revelações de muitas realidades. Aos de fora que traçam um olhar exterior a essa região criam uma imagem de um lugar distante e isolado, habitado por povos exóticos, culturalmente ou racialmente distintos, tendo uma visão arcaica dos nordestinos. Cabe aqui ressaltar que, ainda hoje, as mídias retratam uma imagem distorcida, de um nordeste seco e sem condições de sobrevivência.

4. A IMPORTÂNCIA DO PROCESSO MIGRATÓRIO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DOS PERSONAGENS

A urbanização acelerada das metrópoles teve entre seus principais componentes os nordestinos migrantes. A massa de mão de obra foi deslocada de suas origens não por um movimento espontâneo, mas, pelo contrário, expulsa da terra onde a estrutura fundiária implicava e implica a vitória dos grandes proprietários. Sob o estigma da seca, os imigrantes vão se deslocando pelo sol escaldante, fugindo das áreas em que não há mais trabalho, nem possibilidade de produzir. A pobreza material engendrada na estrutura produtiva os expulsa como se a seca fosse realmente a grande causadora de todos os males. Aos pobres resta a fuga para “o Amazonas” ou para “o São Paulo”, aos ricos locais, uma temporada no litoral à espera da volta do “inverno”.

O processo migratório foi comum a diversos grupos de retirantes nordestinos que sofriam com a seca e suas consequências, no entanto, esse processo era repleto de tensão, pois de um lado tínhamos famílias desoladas que não lhes restavam outra saída senão migrar em busca de condições incertas mas que pensavam ser melhores, por terem a noção de que o norte é a terra abençoada e o sertão é um lugar castigado, como é mencionado no mito da seca narrado por Cascudo (2006). E de outro havia um governo opressor que pouco colaborava para facilitar esse processo, situação narrada por Queiroz (1930/2004), a qual aponta para os mecanismos políticos que usavam a seca como ferramenta de manipulação, criando como único recurso para aquele povo resignado e submisso à seca, os campos de concentração, que apresentavam uma falsa imagem sobre a verdadeira realidade daquele contexto. Aos que ficavam, restava reiniciar a vida se submetendo a condições de trabalho opressoras e desalojadas da vida no sertão.

4.1 UMA ANÁLISE DO ROMANCE *O QUINZE*

Agora, ao Chico Bento, como único recurso, só restava arribar. Sem legume, sem serviço, sem meios de nenhuma espécie, não havia de ficar morrendo de fome, enquanto a seca durasse. Depois, o mundo é grande e no Amazonas sempre há borracha... (QUEIROZ, 2004, p. 31)

A decisão de migrar para o norte, atravessando a seca do agreste cearense, implica em uma conduta revestida de significados, consiste em saber de onde se parte, no entanto, desconhecer onde se vai parar. De acordo com (Schutz, 1970/2012) a seca é o acontecimento comum a todos os personagens descritos. Como fenômeno compartilhado pelo mundo-da-vida deles, a seca fornece elementos que constituem uma significação subjetiva de pertencimento a um grupo.

No romance “*O Quinze*” Os personagens são tidos no decorrer da narrativa como retirantes que se deslocam de seu local de origem Quixadá-CE para a Amazônia em busca de trabalho e terra boa. (Queiroz, 1930/2004) coloca Chico Bento, desempregado e com uma família inteira para alimentar, frente ao desastre da seca e da impossibilidade de

manter-se na terra. No decorrer da viagem a família composta por Chico Bento, Cordulina (mulher de Chico Bento), Mocinha (irmã de Cordulina), Josias, Pedro (filho mais velho) e Manuel que era chamado de Duquinha (filho mais novo) enfrentam diversas adversidades, entre elas a fome e a morte. A autora vai aos poucos sensibilizando o leitor para a realidade do povo nordestino, à mercê da boa vontade do Estado e entregue aos caprichos dos grandes proprietários de terra e detentores do poder na região.

Um dos fatores motivadores para essa migração foi o ciclo da borracha, que teve seu início no século XIX, devido a demanda de procura por este produto a indústria crescia a todo vapor. Conseqüentemente, a extração do látex começou a demandar cada vez mais mão-de-obra:

[...] Depois, o mundo é grande e no Amazonas sempre há borracha... Alta noite, na camarinha fechada que uma lamparina moribunda alumia mal, combinou com a mulher o plano de partida. Ela ouvia chorando, enxugando na varanda encarnada da rede, os olhos cegos de lágrimas. Chico Bento, na confiança do seu sonho, procurou animá-la, contando-lhe os mil casos de retirantes enriquecidos no Norte. A voz lenta e cansada vibrava, erguia-se, parecia outra, abarcando projetos e ambições. E a imaginação esperançosa aplanava as estradas difíceis, esquecia saudades, fome e angústias, penetrava na sombra verde do Amazonas, vencida a natureza bruta, dominava as feras e as visagens, fazia dele rico e vencedor.

(QUEIROZ, 2004, p. 31)

Desta forma, Chico Bento, assim como milhares de nordestinos abandonaram suas famílias, ou as levaram, em busca de uma oportunidade de recomeçar a vida, esperançosos com o novo trabalho e com a possibilidade de adquirir um pedaço de terra na imensidão da Amazônia, esperança esta regada a muitas promessas que obviamente não seriam cumpridas.

4.2 UMA ANÁLISE DA OBRA *VIDAS SECAS*

No romance *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, nos deparamos com a vida miserável de uma família de retirantes que migram em busca de um lugar menos árido para sobreviverem por mais algum tempo. Fabiano era o patriarca, vaqueiro que saiu de sua terra com sua esposa Sinhá Vitória, os dois filhos e sua cachorra Baleia. Percorreram uma longa jornada na caatinga e no sol escaldante, passando fome e sede o qual é assim descrito:

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes caminhavam o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala (RAMOS, 2012, p. 9).

Na obra, os longos períodos de estiagem têm como consequência a paisagem triste como é descrita no seguinte trecho: “O curral deserto, o chiqueiro das cabras arruinado e também deserto, a casa do vaqueiro fechada, tudo anunciava abandono. Certamente o gado se findara e os moradores tinham fugido” (RAMOS, 2010, p.12). Diante desse cenário, a única alternativa para Fabiano e sua família é o deslocamento para outra região, pois “Fabiano queria viver” (p. 14). Nesse sentido, vale citar Martins e Vanalli (2004, p. 43): “Quando a sobrevivência dos habitantes de uma região é ameaçada, a tendência é procurarem outras regiões, principalmente aquelas onde há promessa de vida melhor”.

Os personagens descritos, são tidos como desolados da sociedade, empurrados para sua margem, e como todo ser humano, necessitam trabalhar para sobreviver e romper com o processo de pauperização e de desumanização. No entanto, mediante às condições da época pouco se existia trabalho, e os existentes, se caracterizavam por extremas formas de exploração, causando o acúmulo do capital do chefe (patrão), enquanto o trabalhador persistia em condições deploráveis.

Na obra em análise, a presença da cachorra Baleia, é uma forma de Graciliano Ramos externar esse aspecto, o qual é agudizado pelo processo de animalização das personagens, que vão se zoomorfizando em decorrência da pauperização e de sua marginalização

Sobre isso, Candido (2006) afirma que:

a presença da cachorra baleia institui um parâmetro novo e quebra a hierarquia mental, pois permite ao narrador inventar a interioridade do animal, próxima à da criança rústica, próxima por sua vez a do adulto esmagado e sem horizonte. O resultado é uma criação em sentido pleno, como se o narrador fosse, não um intérprete mimético, mas alguém que institui a humanidade de seres que a sociedade põe a margem, empurrando-os para as fronteiras da animalidade (CANDIDO, 2006, p.149).

A animalização da família ocorre mediante o processo de migração como uma repercussão dos problemas profundos dos indivíduos oprimidos e culturalmente pobres, perseguidos e apossados pela miséria, pelas opressões, adversidades e sofrimentos, como o processo de perda do seu único “pedacinho de chão” (moradia), conseqüentemente, chegando-se ao extremo da perda dos laços sociais.

4.3 MORTE E VIDA SEVERINA: ANÁLISE DA OBRA

— *O meu nome é Severino,*
[...] Severino de Maria;
como há muitos Severinos com mães chamadas Maria,
fiquei sendo o da Maria do finado Zacarias.
[...] o Severino da Maria do Zacarias,
lá da serra da Costela,
limites da Paraíba.

[...], Mas isso ainda diz pouco:

*se ao menos mais cinco havia
com nome de Severino
filhos de tantas Marias
mulheres de outros tantos,
já finados, Zacarias,
vivendo na mesma serra
magra e ossuda em que eu vivia.*

A obra abarca um conteúdo voltado para o percurso de morte e vida do retirante Severino, que é a personificação do retirante brasileiro, nordestino, ou seja, o oprimido socialmente, cuja vida é determinada pelas desigualdades econômicas e sociais. que é um, entre muitos outros severinos, que transita lado a lado do mesmo destino trágico de todo sertanejo nordestino: sofrer com a seca que assolara aquela região. A voz de Severino é a voz dos retirantes, dos muitos Severinos, de uma gente sofrida que, a despeito de sua ligação com a terra natal, se vê forçada a deixá-la devido às precárias.

Severino caminha em busca de uma vida melhor no litoral, porém, durante o trajeto, se depara com inúmeras dificuldades que surgiram junto ao triste fenômeno da seca. A emigração do personagem é uma fuga atemorizada da morte, ao mesmo tempo em que é plena na esperança de viver mais e melhor. Sai da morte para tentar alcançar a vida:

*O que me fez retirar
não foi a grande cobiça
o que apenas busquei
foi defender minha vida
de tal velhice que chega
antes de se inteirar trinta
se na serra vivi vinte,
se alcancei lá tal medida,
o que pensei, retirando,
foi estendê-la um pouco ainda.*

Embora seja uma narrativa em uma estrutura composicional de um poema, diferente das obras analisadas anteriormente, por meio desta, João Cabral de Melo Neto, também nos apresenta a dura realidade do nordestino e do sertão brasileiro. O título da obra “Morte e Vida Severina” é bastante significativo, pois denota uma inversão da ordem natural entre a “vida” e a “morte”, o ponto central para a compreensão desta obra, em que a predominância da morte sobre a vida reflete a extrema miséria e falta de recursos mínimos para a sobrevivência.

A emigração de Severino é resultado de um temor, receio de morrer ali, uma dualidade de sentimentos. É uma fuga atemorizada da morte, ao mesmo tempo é uma fuga na esperança de viver mais e melhor:

*Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
alguns roçados da cinza.
Mas, para que me conheçam
melhor Vossas Senhorias
e melhor possam seguir
a história de minha vida,
passo a ser o Severino que em vossa presença emigra.*

Sem a funcionalidade de uma política pública para sanar e/ou amenizar o problema da seca, não resta outra saída a Severino se não desembocar em busca de um novo horizonte. No desenrolar da narrativa, ao falar dos Severinos, João Cabral de Melo Neto, também retrata as condições sub-humanas no que diz respeito a saúde, caracterizando sua gente- anêmica, sem vitalidade e tida sem importância no mundo dos excluídos. Segundo Bosi (1992, p. 16), “o enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana e uma das mais difíceis de definir”. Bosi afirma que seria mais justo pensar a cultura de um povo migrante em termos de desenraizamento, e que o foco não deve recair sobre o que se perdeu, pois, as raízes já

foram arrancadas, partidas; ao contrário, deve-se “procurar o que pode renascer.” O migrante, segundo ele, deixa para trás a terra natal e suas paisagens, seu roçado, sua geografia, seus animais, sua casa, sua rede social, e seu modo de se vestir, festejar, falar, cultivar a Deus, viver. Como diz Bosi, o desenraizamento vivido pelo migrante é a mais perigosa doença que atinge a cultura. A fala de Severino traz como herança os efeitos das vulnerabilidades, impressas no biótipo corporal e no sangue, deixando para traz um cenário fortemente marcado pelo desenraizamento de uma terra que não mais acolhe vidas e raízes.

O Rio, é um dos elementos principais descritos na obra, ele aparece como um fio condutor que o acompanhou da terra natal, não descrita na obra, até uma parte de sua travessia. “Pensei que seguindo o rio eu jamais me perderia: ele é o caminho mais certo, de todos o melhor guia. Mas como segui-lo agora que interrompeu a descida?” Mas quando ele se deparou com a seca do rio, foi como se algo dentro de si secasse. Naquele instante houve a perda de suas referências, a desconexão do elo com seu lugar de origem, da imagem, e da vida abundante que ele sonhava. Então, sentiu-se perdido e temeroso, completamente só e desenraizado, sem saber por onde seguir, se iria sobreviver ou chegar ao seu destino.

5. A RELAÇÃO DO FENÔMENO MIGRATÓRIO PRESENTE NAS OBRAS

Embora as obras tenham sido escritas em épocas diferentes e por autores diferentes, há um diálogo e uma ligação entre si por meio da temática. A tríade, retrata o desnível social e a busca pela sobrevivência e dignidade de sujeitos acometidos pelas condições desfavoráveis territoriais do Nordeste. Os personagens são vítimas de um domínio senhorial e de outros poderes opressores que acarreta em sua animalização. Segundo Oliveira (2003), os nordestinos que deixaram o sertão em busca de uma vida melhor na cidade, ao agregarem novas experiências e valores a sua tradição, criaram novas formas de construir sua identidade cultural.

A saga da família de Chico Bento é a saga vivida por todas as famílias imigrantes, que se veem na necessidade de abandonar suas raízes e partir para lugares desconhecidos em busca de um futuro incerto. Sem saber se irá viver ou morrer. Na obra é possível percebermos toda a garra presente nos personagens, até mesmo quando se deparam com a dor da fome e da morte. O desejo de seguir em frente e o sonho de dar início a uma nova vida os impulsionam nessa jornada migratória. Mesmo que o futuro não fosse tão promissor como almejavam.

O Deslocamento de Fabiano, também consistia em conquistar uma dignidade, andar com a cabeça erguida e com a possibilidade de ser visto e respeitado por outras pessoas como um homem e não como um bicho, pois, era assim que as condições naturais e sociais o faziam se sentir. Ele almejava conhecer outros lugares, espaços e pessoas e tinha uma enorme admiração por pessoas letradas e que falavam difícil. Mas para que seu sonho se realizasse era necessário mudar a situação de sujeito sem moradia, vencer a fome e a pobreza.

A vida severina tem a gustação de uma morte em vida, e chega um certo momento que não há mais esperanças e motivos para viver. Entretanto, as esperanças renasciam como Fênix no peito do retirante, fazendo com que desse prosseguimento a sua jornada, pelo menos até a cheia do rio Capibaribe. Como o rio, interrompeu a travessia, para vencer a fadiga e prosseguir em seu intento. Decidiu procurar “um trabalho de que se viva”, uma vez que viver é trabalhar, pois, sem trabalho, a vida severina aproxima-se mais rapidamente da morte.

Nessa conjuntura, o processo migratório não parte de um único alibi, nem de uma decisão pessoal, como um ato imotivado de se locomover de um lugar para outro, mas de uma decisão motivada pelas adversidades surgidas no percurso de suas existências.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da temática e das análises expostas, percebe-se que, a visão dos diferentes autores acerca do fenômeno da seca que assolou o Nordeste, se assemelha no que diz respeito às dificuldades enfrentadas pelos personagens, apresentando um contexto histórico e ao mesmo tempo literário. Assim, é notória a ligação entre a História e a Literatura.

Dessa forma, é válido salientar que, a desigualdade social e exploração estão relatadas não apenas nos livros de história como também nos de literatura, nos quais caminham junto com o meio social, destacando a ausência de igualdade humana, que provoca a exclusão dos indivíduos, retirando seus direitos de cidadania e deixando-os à margem da sociedade. Rachel, Graciliano e João Cabral de Melo Neto, viveram no Nordeste, mesmo que em regiões distintas, presenciaram um dos cenários mais catastróficos da história do Brasil.

As obras supracitadas servem como referência para o conhecimento do desequilíbrio populacional existente nas mais diversas camadas, onde a opressão e a extrema pobreza se fazem presentes de forma avassaladora, trazendo suas consequências coletivas e individuais, tendo em vista que a seca é um fenômeno natural e ao mesmo tempo social, não apenas levando em consideração o fato de que o estado natural do qual ela se origina faz parte de um fator climático e que sua gravidade atinge diretamente a população, mas também olhando pelo ângulo de que nós seres humanos também somos precursores de tal acontecimento, através das atitudes negativas que podemos fazer com o planeta. O panorama analisado, está ainda intimamente ligado à um caráter romântico e ao mesmo tempo verdadeiro do que foi o contexto da seca na região nordestina, haja vista que em todas as narrativas contém elementos que são frutos da imaginação, mas que dialogam com uma conjuntura fatídica.

REFERÊNCIAS

BOSI, Eclea. *Cultura e desenraizamento*. In: BOSI, Alfredo. *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Editora Ática. 1992.

- FERREIRA, Juliana. *Sociedade, Cultura e Identidade em Vidas Secas, de Graciliano Ramos e os Magros, de Euclides Neto*. (Tese de Dissertação) - Universidade Federal de Goiás Regional- Catalão, 2014.
- MARTINS, Dora & VANALLI, Sônia. *Migrantes*. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- NETO, João Cabral de Melo. *Morte e Vida Severina e outros poemas em voz alta*. 22. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986
- NETO, M. F. de S. *Alma e Gesto: Escritos Geográficos*. Paraíba: Grupo de Estudo de História do Pensamento Geográfico, 1997.
- OLIVEIRA, Marta Francisco de. *A Migração nordestina e a construção da identidade cultural: uma análise da realidade coxinense à base de A hora da Estrela, de Clarice Lispector*. 2003. Disponível em: <<http://www.museu-emigrantes.org/seminario-comunicacaomarta-fran.htm>> Acesso em: 11 abr. 2008.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy, (org) *Escrita, linguagem, objetos. Leitura de história cultural*. Bauru/SP: Edusc, 2004, 282p.
- QUEIROZ, R. de. *O Quinze*. 77ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.b
- SOUSA, Rainer. *Ciclo da Borracha*. Brasil escola, 2009. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/historiab/ciclo-borracha.htm>> Acesso em 25 jun. 2009.

**ENTRE A VIDA PÚBLICA E PRIVADA: MULHERES DA CIDADE DE
CAJAZEIRAS NOS ANOS DE 1887 E 1898**

Ana Victória de Medeiros Oliveira
Universidade Federal de Campina Grande
anavictoria.dma@gmail.com

Orientadora: Prof. Dra. Viviane Gomes de Ceballos
Universidade Federal de Campina Grande
vggomesdeceballos@gmail.com